

20 OUT 1996

# Só se compara FH a outro FH

Há três anos, discutia-se no Brasil qual seria a taxa de inflação do mês seguinte. Hoje, discute-se qual será a taxa de crescimento do país no próximo ano. Discutia-se também o tamanho da miséria. Hoje, sem saber o tamanho que ela tem, discute-se mais objetivamente o que fazer com ela. Não se reclama tanto do loteamento dos cargos federais. Apenas se mantém a vigilância sobre os capetinhas que podem fazer o presidente cair em tentação. Morria-se de medo de mexer nos funcionários públicos. Era um vespeiro, dizia-se. Agora, atacados em seu castelo, ameaçam reagir com invasões de prédios públicos, e não se dá a isso importância maior do que merece um simples caso de polícia.

Mudou o país, mudou a pauta de discussão, mudou a qualidade do governo. Tem-se um presidente que, sem os êxitos eventuais de suas indecisões, já poderia ser arrogante por ter obtido uma vitória arrasadora logo no primeiro turno de sua eleição, por ter conservado até a metade do mandato índices elevadíssimos de popularidade e por ter derrubado a praga da inflação com uma nova moeda e uma nova postura. No entanto, num país onde até há pouco se flagrou um presidente mentindo, tem-se hoje um presidente que reconhece quando erra, e assume seus erros.

O problema de Fernando Henrique é que ele não pode mais ser comparado com Itamar, Collor, Sarney, Figueiredo e daí para trás. Mesmo que sejam discutíveis as políticas de seu governo, apenas a sua qualificação intelectual seria suficiente para mostrá-lo diferente dos antecessores. Eis o nó do próprio Fernando Henrique: ele só pode ser comparado consigo próprio. O Fernando Henrique da primeira metade do mandato com o FH da segunda metade. O FH deste governo com o FH da reeleição.

A mudança da qualidade do governo, do presidente e da pauta de discussão deu nisso: está mudando também a natureza da crítica ao governo. O cidadão passou a ser mais exigente. Fernando Henrique tem consciência disso. Não se questiona mais, como há três anos, se o Real vai dar certo ou errado. O que importa é saber como o plano de estabilização da economia vai garantir o emprego e a qualidade de vida de cada um.

Tomem-se dois exemplos, a Educação e a Saúde. Desde a República Velha se diz que estes são os dois maiores problemas brasileiros. Tão pouco de duradouro se fez nesse terreno ao longo dos anos que Fernando Henrique foi avisado por um instituto de pesquisa contratado para auxiliá-lo a chegar mais perto dos anseios da população: é preciso fazer muito mais do que o normal para que se entenda que alguma coisa de boa finalmente está sendo feita.

A Educação transformou-se, então, na melhor referência das ações do governo. O segredo? O ministro Paulo Renato diz exatamente o que quer e faz exatamente o que diz. A prioridade do governo nesse setor é o ensino básico, e ponto final. É uma revolução no ensino inverter a lógica do orçamento da Educação, e fazer essa inversão precisamente num governo chocado na academia. A maior parcela das verbas vai, agora, para o ensino básico e não para as universidades.

A Saúde não é a maior dor de cabeça apenas da população. Já é também do governo. A política do Ministério da Saúde, no entanto, tem sido uma só: pedir mais verbas. O orçamento da Saúde dobrou, o ministério ganhou o reforço da arrecadação do imposto do cheque — quebrando a coerência dos economistas do governo, que antes bufavam de raiva com o volume exagerado de impostos amarrados a destinações específicas —, e ainda não se sabe qual é a política de saúde do governo. Paulo Maluf tem em São Paulo uma política de saúde. Niterói também tem. A de Fernando Henrique ninguém viu.

Logo que ganhou o imposto do cheque, o ministro Adib Jatene, em vez de dizer o que faria com ele, preferiu ficar falando um bom tempo dos bancos. Achava que a campanha que enfrentou para aprovar a maldita CPMF — que jamais se apagará de sua biografia — tinha sido tramada diabolicamente pelos donos de banco, indignados com a obrigatoriedade de contabilizar para o governo o desconto dessa contribuição compulsória em cada operação financeira. Os banqueiros não são santos, vão pretinhos para o inferno. E daí? O que importa é saber como a dinheirama posta na mão de Jatene faz com que o cidadão fique vivinho aqui na terra